

Tudo se ilumina
para aquêle que
busca a luz.

BEN-ROSH.



... alumia-vos
e aponta-vos o
caminho.

BEN-ROSH

(HA-LAPID)

O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haim
Rua Guerra Junqueiro, 340 — PÓRTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A
Rua da Fábrica, 80
PÓRTO

D. ABRAHAM ZACUTO

Rabi—Astrónomo—Historiógrafo

POR A. C. DE BARROS BASTO

I

D. Abraham Ben-Samuel Zacuto, nasceu em Évora cêrca de 1450. Saíu da sua terra natal para Toledo, centro intelectual judaico daquela época, onde estudou teologia israelita, sendo seu mestre o Rabi Don Isac Aboab. Depois cursou em Salamanca medicina e matemática, e tais qualidades demonstrou que foi escolhido para dirigir a Cátedra de matemática e astronomia na Universidade salmanticense, e depois, mais tarde, na de Saragoça e em Cartagena. As suas aulas foram freqüentadas por alunos cristãos, judeus e muçulmanos; entre os seus discípulos cito o judeu português Joseph Vizinho, médico e matemático, que fez parte da Côrte de D. Afonso V e da de D. João II, que o nomeou seu médico ordinário e membro da *Junta dos Matemáticos*, a qual em 1483 examinou o projecto de Colombo.

Em 1473 a pedido do Bispo de Salamanca começa o Rabi Abraham Zacuto a escrever em hebreu a sua notável obra astronómica *Bi'UR LUHOT*, a qual terminou em 1478. O seu discípulo Joseph Vizinho, da *Junta dos Matemáticos*, traduziu-a depois do hebreu para latim dando-lhe o nome de *Almanach Perpetuum* e também para espanhol com o título *LOS*

CANONES DELLAS TABLAS DE ZACUT en romance.

A obra latina foi impressa pela primeira vez em Leiria em 1496. Joseph Vizinho melhorou o astrolábio náutico, instrumento destinado a medir a altura das estrêlas.

Em 1485 vai Joseph Vizinho numa expedição científica à Guiné para ali fazer observações astronómicas utilizando muitos ensinamentos de Zacuto.

Colombo reproduz várias instruções de Zacuto e conta ter salvado a sua vida e a dos seus companheiros em Jamaica, predizendo (por ensinamentos de Zacuto) o eclipse da lua de 29 de Fevereiro de 1504. A população indígena, apavorada por esta predição, submeteu-se com a condição de que Colombo lhes pouparia as calamidades celestes que êle lhes tinha anunciado.

Em 1492 os reis Fernando e Isabel decretam a expulsão dos judeus de Espanha e Rabi Abraham Zacuto veio para Portugal, onde a sua fama de astrónomo era bem notória. El-Rei D. João II recebeu-o muito agradavelmente e nomeia-o seu *astrónomo real*.

Pouco tempo depois, nesse mesmo ano, vem a Portugal o Rabi D. Isac Aboab com trinta notáveis judeus de Castêla afim de concertar com o soberano português a

entrada dos seus correligionários banidos. Rabi Abraham Zacuto apresenta a El-Rei D. João II o seu antigo mestre, que é por êle bem acolhido bem como os seus companheiros.

Rabi Imanuel Aboab, no seu livro *Nomologia*, diz: «Foram bem recebidos por El-Rei, e acordaram, que pudessem entrar no reino, seiscentas casas de judeus, com pagar lhes oito escudos de ouro cada um (como escreve Osório, apesar do Usque somente dois escudos) e que ao cabo de seis anos, lhes mandaria dar navios acomodados, e por moderados preços, para poderem sair de seus reinos para as partes de Africa ou Levante, como mais quisessem. A estas trinta famílias mandou o rei acomodar na cidade do Pôrto; e fêz que a cidade desse a cada uma delas uma casa; como deram mui cômodas, na rua que chamam de S. Miguel (*na parte que hoje se chama rua de S. Bento da Vitória*) e no meio de tôdas elas estava a Sinagoga, que me recorde haver visto ainda na minha meninez sem estar derrocada. Tinham estas casas um P. por armas, que mostrava o nome da cidade. Pagavam de pensão, cinqüenta réis ou maravedis cada uma à cidade e ela lhes fazia empedrar a rua; uma destas trinta casas era a de meu avô o senhor Abraham Aboab a quem o Senhor perdoe. Sucedeu então aquela crueldade enormíssima, de mandar El-Rei Don João levar muitos meninos dos hebreus às Ilhas que chamam dos Lagartos; por causa de haverem passado a Portugal mais número de gente, do que as seiscentas casas capituladas. A todos que foram demais, condenou El-Rei, e os tomou por seus escravos, e, aos filhos inocentes mandou levar às ditas Ilhas dos Lagartos».

«Antes de ver êste lastimoso espectáculo, e os outros que lhe sucederam nos anos seguintes, passou a gozar a vida eterna o bendito Rab; e entendo que está sepultado na cidade do Pôrto. De todos os seus discípulos, que foram muitos, e mui excelentes, não acho que haja passado algum a Portugal, além de Rabi Abraham Zacuto, astrónomo de El-Rei D. Manuel: o qual conta a morte do seu honrado mestre, e como êle *darrou*, ou fêz sermão em seus funerais.»

Segundo Graetz os judeus portugueses não viam com bons olhos tal imigração,

por temerem disso funestas conseqüências. Houve uma reunião de notáveis judeus portugueses e nessa reunião o Rabi-mor D. Joseph Ben-Yahiah Negro defendeu com calor o estabelecimento em Portugal dos judeus espanhóis. A maioria porém foi de opinião que a fixação neste país dos judeus espanhóis punha em perigo a situação dos judeus portugueses, que já constituíam uma parte muito importante da população de Portugal.

Foi mais convencionado entre os delegados dos judeus espanhóis e o rei que os que fôssem operários metalúrgicos ou armeiros pagavam metade da capitação e podiam fixar-se no país e que os emigrados entrariam em Portugal pelos seguintes pontos: Olivença, Castelo Rodrigo, Bragança e Melgaço. A capitação seria paga, à entrada na fronteira, a empregados régios que lhes dariam certificados dêsse pagamento, e que lhes serviriam de salvo-condutos.

Tendo sido aceites as condições estabelecidas no contrato entre o Rabi Isac Aboab e D. João II entraram em Portugal cêrca de cem mil judeus espanhóis que se dirigiram para as cidades que lhes foram indicadas para residência.

Em Janeiro de 1493 findou os seus dias na cidade do Pôrto Rabi Isac Aboab, tendo vindo dirigir o funeral, no qual fêz um sermão, o Rabi Abraham Zacuto.

Nesse ano de 1493 resolveu El-Rei exigir que êles saíssem no fim de seis meses e cumpriu o que tinha estabelecido.

Forneceu navios a preços moderados recomendando aos capitães que os conduzissem aos portos que designassem e que os tratassem bem, mas tal não fizeram êsses capitães que logo que se acharam no alto mar os sugentaram a tôda a espécie de más violências para lhes extorquir grandes quantias.

Sabendo dêstes maus tratos muitos não quiseram embarcar por mêdo, e outros porque não tinham meios para pagar o transporte ficaram no reino. O rei foi implacável para com êles; os retardatários foram uns dados, outros vendidos como escravos aos nobres.

O rei fêz arrancar aos pais reduzidos à escravidão os filhos dos 3 aos 10 anos para os enviar para a ilha de S. Tomé (Ilha dos Lagartos) e educá-los no cristianismo. Em

vão as mães choravam e suplicavam ao rei que não lhes tirassem os filhos. O rei ficou insensível. Uma mãe a quem tinham tirado sete filhos lançou-se aos pés do rei, quando êle saía da igreja pedindo para lhe dar pelo menos o mais novo; segundo a expressão dum cronista, o rei disse para os que o acompanhavam que ela gemia e se lamentava como uma cadela a quem tiraram os filhos.

Algumas mães para se não separarem dos filhos lançaram-se em poços e ao rio.

A maior parte destas crianças morreram em S. Tomé vítimas do clima e de animais malfazejos.

No ano de 5254 da Era hebraica (que principia na lua nova de Setembro de 1493 e finda com a lua nascida em Agosto de 1494 da Era vulgar) El-Rei D. João II pretendeu que o seu conselheiro e Rabi-mor de Portugal D. Joseph Ben-Yahiah Negro, com 68 anos de idade, se convertesse ao catolicismo, dizendo-lhe:—Desejo que tu, bem como toda a tua família se se convertam à minha fé, por que tu és um chefe respeitável entre os israelitas e assim serias um exemplo para todo o teu povo...

D. Joseph respondeu negativamente e safou da presença do rei.

Depois El-Rei mandou-lhe dizer que cumprisse o seu desejo e se assim fizesse lhe daria o senhorio de Bragança e seus rendimentos e em caso contrário o mandaria matar. E quando o ancião ouviu estas palavras ficou muito triste, orou a Deus e levando consigo os seus três filhos Rabi David, Meir e Salomão fugiu de Portugal.

El-Rei mandou-o perseguir por terra e por mar e não o puderam alcançar. Um temporal fez com que o navio onde ia, arribasse ao reino de Castela, ali D. Joseph e seus filhos foram prêsos e destinados a serem queimados vivos, porque havia quasi três anos que os judeus haviam sido expulsos de Castela e o decreto dizia que todo o judeu que fôsse encontrado depois do prazo referido devia ser condenado à morte. Veio em seu socorro D. Alvaro, descendente do Duque de Bragança e que também tinha fugido de D. João II. Graças à intervenção dêste nobre português, que disse boas e elogiosas palavras sobre êles, deixaram-nos fugir duma cidade não murahada. Estiveram cinco meses no mar até

que conseguiram desembarcar em Pisa (cidade da Toscana—Itália).

Furioso D. João II vingou-se maltratando alguns parentes dos fugitivos.

Depois dêstes acontecimentos D. João II escolheu para Rabi-mor de Portugal o astrónomo real Rabi Abraham Zacuto.

No dia 25 de Outubro de 1495 faleceu em Alvor (Algarve) El-Rei D. João II, sendo voz pública que êle tinha sido envenenado. Assistiu aos seus últimos momentos o médico real Mestre Joseph Vizinho, discípulo de D. Abraham Zacuto.

II

Morto D. João II subiu ao trono seu cunhado D. Manuel, Duque de Beja, o qual contava então vinte e seis anos de idade. O seu primeiro acto a respeito dos judeus foi conceder carta de alforria aos que eram escravos, por determinação de D. João II, dando-lhes permissão de saírem para onde e quando quisessem, sem dêles, nem das Comunidades judaicas querer aceitar um *grande serviço* de dinheiro que lhe era oferecido em paga da generosa resolução do novo rei. Julga-se que êste primeiro acto do monarca fôsse inspirado pelo Rabi-mor D. Abraham Zacuto, astrónomo real, a quem D. Manuel dedicava afeição muito especial.

D. Manuel antes de determinar a execução da viagem à Índia dos nossos navegadores consulta Zacuto sobre as probabilidades dela.

Uma testemunha contemporânea de Zacuto, embora mais novo, Gaspar Correia, no seu trabalho, diz-nos:

Como por falecimento de El-Rei D. João, El-Rei D. Manuel que sucedeu no reino tomou entendimento no descobrimento da Índia.

É metido o sentido nesse cuidado, e como prudentíssimo homem de grande conselho, quis primeiro tomar boa informação do que era e podia fazer primeiro que começasse um tão grande feito, não querendo arriscar em vão suas despesas e vidas de seus vassallos, determinando primeiro haver verdadeira informação não querendo começar coisa que não acabasse e mormente esta tão grande em comêço

de seu Reinado; no que assim considerando e porque algum tanto era inclinado às coisas de astronomia, mandou chamar a Beja um Judeu seu muito conhecido, que era grande astrólogo, chamado Çacuto, com o qual falou em seu segrêdo muito lhe encarregando que trabalhasse de saber, se lhe aconselhava que entendesse no descobrimento da Índia, e se era coisa que podia ser, porque o trabalho, que nisso houvesse se não perdesse em vão, porque se possível fôsse, êle para isso tinha muita vontade nisso gastar todo o possível, mas que êle nada havia de fazer sem seu conselho, e por isso o chamara, que portanto lhe muito encomendava que visse e olhasse muito bem o que disto alcançava por seu bom saber e para isso tomasse o espaço que quisesse para lhe dar resposta. Do que o judeu se muito encarregou, e se tornou a Beja e fazendo suas diligências aprouve a nosso Senhor lhe mostrar sua vontade, e tendo tudo bem alcançado, se tornou a El-Rei com muito prazer e lhe disse:

«Senhor, com muito cuidado que tomei no que me Vossa Alteza tanto encarregou, com o querer de Nosso Senhor, o que achei e tenho sabido é, que a província da India é mui longe desta nossa região, alongada por longos mares e terras, tôdas de gentes pretos os naturais; em que há grandes riquezas, e mercadorias que correm por muitas partes do mundo, e tudo de muito perigo, primeiro que possam vir a esta nossa região, e que tenho bem olhado, e por querer de Nosso Senhor alcançado que Vossa Alteza a descohrirá e grande parte da India subjugará em mui breve tempo, porque, Senhor, Vosso planeta é grande sob a divisa de Vossa Real pessoa, a esfera em que se contém os céus e terra, que tudo Deus quererá trazer a vosso poder, e tudo acabará o que nunca acabaria El-Rei que Deus tem, ainda que todo seu Reino nisso gostara, porque esta coisa Deus a tinha guardado para Vossa Alteza. E acho que a India descobrirão dois irmãos vossos naturais, mas quais êles sejam eu o não alcanço. Mas pois de Deus assim está ordenado êle o mostrará, pelo que tenho a Vossa Alteza dito tôda a verdade do que ponho minha cabeça a penhor sob o aprazimento de Nosso Senhor, em cujo poder tudo é.»

O que tudo ouvido por El-Rei, deu ao judeu grandes agradecimentos por tão boas novas que lhe dava, e muito defendeu que tivesse grande segrêdo, pelo muito que cumpria a seu estado.

D. Abraham Zacuto numa longa exposição ao rei trata da teoria das tempestades, da época mais favorável para a navegação, das tábuas de declinação que tinha composto, do Regulamento, do astrolábio náutico que tinha fabricado.

Ouçamos o que nos informa sôbre êstes assuntos Gaspar Correia e também sôbre o ensino dos pilotos feito pelo Rabi Zacuto, aos quais fornece cartas de marcar:

Como El-Rei pediu razão ao astrólogo Çacuto destas naus não acharem contraste de tempos contrários e tormentos, que as outras naus acharam e o Çacuto lho declarou.

«El-Rei era muito inclinado à astronomia, pelo que muitas vezes praticava com o judeu Çacuto, porque em tudo achava mui certo, e sendo assim chegadas estas que lhe diziam não acharem nenhum temporal contrário a seu caminho, achando as outras tantas fortunas, sôbre o que El-Rei praticava com os pilotos, que nenhuma razão lhe sabiam dar a isso, sendo um dia o Judeu Çacuto presente e ouvindo tudo, disse a El-Rei:

«Senhor, o mar que as vossas naus correm é muito grande, em que em umas partes há verão, e em outras inverno, e todo em um caminho; e poderão ir duas naus, uma após outra ambas por um caminho, uma chegará a uma paragem quando ali fôr inverno, e achará tormenta, e a outra quando ali chegar será verão e não achará tormenta que a outra ali achou: e esta é a razão porque uns acharam tormenta, e outros não. E porque os invernos e verões não são certos em um próprio lugar é porque o mar é mui largo e mui deserto, apartado das terras, e cursam as tormentas e bonanças por muitas partes incertas. Mas quando os navegantes desta carreira tiverem mais experiência em seu caminhar, que êles saibam tomar o verão que tem neste golfão daqui ao Cabo da Boa Esperança, assim à ida como à vinda, andarão êles êste caminho em mui breve tempo e

sem trabalho irão e virão a salvamento, se forem prudentes em seu navegar. E porque, Senhor, com o muito desejo que tenho a seu serviço tenho muito trabalho por entender os segredos desta navegação, tenho entendido que o apartamento do sol causa as tormentas e desvairos dos tempos; porque apartando-se o sol da linha equinocial para a parte do Norte, fica a sombra e friura à parte do Sul. Este mingramento da quentura do sol, causa o mingramento dos dias que são mais pequenos, e acrescenta as tempestades pela friura das águas, que se mais alevantam com os ventos. E porque o Cabo da Boa Esperança entra muito no mar para a banda do Sul, pelo que sendo o sol apartado da linha para a parte do Norte, que fica à sombra e friura à parte do Sul, então causa assim as grandes tormentas e tempestades e dias pequenos e de pouca claridade, que as naus acham, porque o sol é dali muito afastado; e quando o sol anda para a parte Sul, então no mar do Cabo da Boa Esperança haverá bonanças e os dias quentes e maiores. E porque no tempo que as naus vão demandando o Cabo, ou são nêle, o sol é afastado para a parte do Norte, por essa causa ficam no Cabo as tormentas e escuridão dos dias pequenos; e por isso os Ptolomeus e outros que escreveram, lhe chamaram o Cabo Tormentório, porque é deserto do abrigo de terras que estão dêle mui longe, porque da banda de Leste e Oeste não há terra, somente por linha direita a mais perto da costa da Índia até ao cabo de Comorim e desta outra parte pela mesma linha o Cabo Verde, que é mui grande distância de caminho: e com a navegação, que agora fazem as naus, por dobrar por barlavento do Cabo, dando-lhe resguardo por causa dos ventos serem do mar, fazem rodeio com que então mais de sete mil léguas, no qual caminho muito encurtaram e emendaram quando os pilotos tiveram êste experimento do apartamento do sol para que parte anda, que é a causa dos bons tempos e maus, que causa o apartamento do sol. E porque, Senhor, nisto tenho muito trabalhado, por me certificar na verdade tirei um experimento da declinação do sol do apartamento que se aparta da linha para cada parte do Norte ou do Sul, e quanto tempo anda de um cabo, e quanto do outro, e até onde chega,

e se corre tanto ao ir, como ao tornar, e achei que tudo andava por um curso e compasso ordinário. O que tudo tenho bem sabido, e declarado por um modo de regimento, o que cada dia se aparta o sol, assim à ida, como à tornada, por tal modo que em qualquer parte que navegantes tiveram vista do sol ao meio dia, ou de noite a estrêla do Norte e fazendo sua conta da declinação do sol, saberão quanto caminho andam, e saberão navegar por todo o mar do mundo: e se a Nosso Senhor aprouver que acabe de saber algumas dúvidas que ainda tenho escuras, afirmo a Vossa Alteza que então, esta navegação para a Índia será tão fácil, que a poderão navegar mui pequenos barcos, e tão pequenos quanto somente possam agasalhar o comer, e água da gente que fôr, porque todo o bem dêste caminho e navegação há-de ser saber tomar os tempos em suas próprias monções para que não achem tormentas e ventos contrários, que lhe causam as detensas.»

O que tudo bem ouvido por El-Rei houve muito contentamento e prometendo ao Judeu muitas mercês por seu trabalho, lhe muito encomendou que desse cabo a tão boa coisa como tinha começado. Ao que o Judeu se ofereceu, e como já tudo tinha experimentado, e sabido a certeza do decurso do sol, e os mudamentos que fazia, tomando o experimento pelas estrêlas com suas artes de astronomia, fêz um regimento desta declinação do sol, apartando os anos, cada um sobre si, e os meses e dias de um ano bissexto até o outro, que são quatro anos apontadamente, de quanto anda o sol cada dia, contado de meio dia a meio dia, assim para a banda do Norte, como para a banda do Sul, tudo por grande concerto e boa ordem; para o que fêz uma pasta de cobre da grossura de meio dedo, redonda, com uma argola em que estava dependurada direita e nela linhas e pontos, e no meio outra chapa, assim de cobre corrediça ao redor, e nela postos uns pontos furados direitos um do outro, porque entrado o sol por ambos, no ponto do meio dia, se via em que parte estava o sol, tudo por grande arte e subtil modo, e lhe chamou astrolábio, que tomando assim o lugar certo em que estava o sol, e feita conta pelo regimento na tábuca de cada ano,

se sabia as léguas que eram andadas. O que o Judeu ensinou a alguns pilotos, que lhe El-Rei mandou, como e de que modo haviam de tomar o sol em o ponto do meio dia com o astrolábio, ensinando-lhe a conta que haviam de pelas tabuadas do regimento, no que em todo os muito industriou os quais El-Rei logo mandou fora navegar para uma certa parte, a que o Judeu deu umas cartas grandes com riscos de cores diferentes, que mostravam os nomes dos ventos ao derredor da estrêla do Norte, a que se pôs nome agulha de marear, compasso dos graus do Sul para a conta das léguas no decurso do andar do sol, com outros muitos consertos experimentos que os pilotos entenderam, e experimentaram com as correntes das águas. Com que a dita ciência de pilotar foi de cada vez mais experimentada e sabida, e navegando pondo nas cartas as terras, e ilhas nos seus próprios limites de altura do sol por conta das léguas e derrotas dos ventos e sondas e mostras, o que de cada vez se mais foi apurando em tanta perfeição como ora está. Deus seja para sempre muito louvado, que lhe aprouve que o Judeu falou tão certo em tudo e nos pequenos barcos navegaram esta carreira, como depois se viu e se achará por esta lenda em diante em algumas partes.

El-Rei houve isto por tamanho serviço como se mostra, e tomou disso tamanho contentamento, que fêz ao Judeu muitas mercês com que êle se mais refinou, tomando maiores trabalhos em fazer outro mor conserto, que nesta obra ficava falta, que cumpria se apurar, porque sendo tempo chuvoso, que o sol fôsse coberto, que o sol não parecesse, para se tomar no astrolábio pelo que ficariam cegos em seu caminhar, consertou as tabuadas do decurso do sol com as circunferências da estrêla do Norte, para o que fêz outro artifício para tomar o ponto em que estava a estrêla do Norte, por tal arte, com que de todo os pilotos ficaram em mui perfeito saber de navegar em todos os tempos em muita perfeição; em que assim tratando a navegação para a India e para outras partes, se foram muito apurando em mais perfeição pelo experimento que tomavam das coisas, navegando assim com o sol, como com a escuridão da noite.

O que tudo foi em tanto crescimento

de bem, como hoje em dia parece ao serviço do Senhor Deus; porque homens cientes, e de subteis entendimentos foram mais entendendo e alcançando, com que agora está em tôda a perfeição. O que tudo foi principiado por o dito judeu, chamado Çacuto, grande astrólogo, que depois fugiu de Portugal..."

Por esta época, em 1496 é impresso em Leiria a versão latina do Regulamento e tábuas náuticas da autoria de D. Abraham Zacuto que êle tinha composto em Salamanca, em hebreu com o título *Bi'UR LUHOT*, de 1473 a 1478, e que foi traduzido para latim com o título *Almanach Perpetuum* e também para espanhol pelo seu discípulo.

Gaspar Correia informa que Vasco da Gama colheu de Zacuto avisos úteis que aproveitou na sua memorável expedição.

Acêrca da importância do ensino dado por D. Abraham Zacuto aos pilotos portugueses, diz-nos Gaspar Correia, falando da expedição de Afonso de Albuquerque:

"Êles navegavam conforme o Regulamento que Çacuto lhes tinha dado e que os pilotos tinham experimentado antes."

(*Continua*).

Documentário Maranos

Denúncia à Inquisição

Aos três dias do mês de Agôsto do ano de mil e seiscentos e trinta e nove em Lisboa nos Estaos e Casa do despacho da Santa Inquisição estando aí em audiência da manhã o senhor Inquisidor D. Álvaro de Attayde mandou vir perante si o Licenciado Feliciano Dourado natural da Paraíba estado do Brasil e ora residente nesta cidade, por ter que denunciar nesta mesa... e disse ser da idade de vinte e nove anos.

Disse mais que no mesmo tempo (1635) se achou êle declarante na dita cidade de Amsterdam, em um dia de que em particular se não lembra com dois judeus, dos quais um se chamava Manasse ben Israel o qual entre êles é Rabino e do nome do outro se não lembra onde entre práticas que tiveram lhe deram os ditos judeus

muitas queixas do apêto que lhe faziam em Espanha para que não fôsem judeus e é a primeira coisa, em que falam aos espanhóis, quando os encontram, e continuando nas ditas razões, com grande sentimento e queixa e lhe disse o dito Manasse que por mais que fizessem Espanha, lhes não haviam de tirar serem judeus, porque quantos cristãos novos havia em Espanha eram cristãos violentados, e que desde Holanda iam todos os anos alguns judeus à Côte de Madrid e a outras muitas partes destes Reinos de Espanha a circuncidar os cristãos novos, ao que lhe foi à mão o outro judeu, advirtindo-lhe que faziam mal em descobrir aquilo diante d'ele, declarante, porque havia de vir a Espanha e contá-lo e poderia prejudicar as pessoas da sua nação e com esta advertência o dito Manasse deitou a coisa a zombaria, dizendo que dizia aquilo por graça e êle declarante também se fêz desentendido, e não passaram mais antes nem depois sôbre esta matéria.

(Caderno 19 da Inquisição de Lisboa, pág. 7).

Vibrantes manifestações da vitória na Palestina

A Palestina viu em tempos passados, muitas e grandes manifestações em ocasiões festivas, e, mais freqüentemente, em ocasiões tristes, mas nada se pode comparar, nem no número dos manifestantes, nem na intensidade de sentimento, com as tumultuosas manifestações que se realizaram em Tel-Aviv, nas secções judaicas de Jerusalém de Haifa e de tôdas as colónias judaicas. Não havia tom de azedume ou de resignação no pedido para que se abram as portas da Palestina e para que se estabeleça um Estado Judaico, que foi a nota dominante de todos os ajuntamentos para celebrar a vitória. Êsses gritos eram soltados por pessoas inteiramente cónscias da contribuição dos judeus para a vitória e dos seus sofrimentos sem igual.

Entre as bandeiras dos aliados e judaicas içadas nos ediffícios da Agência Judaica, no Vaad Leumi, da Comunidade Judaica de Jerusalém e de outras instituições, foi colocada uma bandeira branca orlada de negro, como sinal de sentimento pelos judeus que foram exterminados na Europa.

COMUNIDADE SEFARDIM FORMAM UMA FEDERAÇÃO MUNDIAL

A formação duma "Federação Mundial das Comunidades Sefárdicas" com o fim de intensificar a activa participação dos judeus sefardim nos problemas mundiais judaicos e de coordenar os seus esforços, culturais, educativos e económicos, foi anunciada em Nova-Iorca pelo Sr. Joseph M. Pape, Director Executivo da Comunidade Central Sefárdica Judaica da América.

A Federação representará grupos sefárdicos dos seguintes países: Algéria, Argentina, Bulgária, Chile, Colômbia, Cuba, Holanda, Itália, Marrocos, Palestina, Tunísia, Estados Unidos, Uruguai, Venezuela e Jugoslávia.

A RELIGIÃO

De todos os conhecimentos que o homem procura obter, o da verdadeira religião é de todos o mais importante.

Com o ensino religioso, ligado à boa educação depende a felicidade da família, e sem êle a fé extinguir-se-á.

E' em vão que um homem pretenda adornar-se com título de pessoa de bem, quando não tem religião, êsses não passam geralmente de estúpidos vaidosos, sem cérebro.

Religião, é o culto que se rende ao verdadeiro Deus criador de tudo o que existe, o que dela tomar parte viverá eternamente, eis porque Moisés disse na Thorah: É a árvore da vida para aquêles que a observam.

Uma só religião nos indica o caminho da verdade única para todos os homens, pois que Deus só há um. "Quve, O' Israel: o Eterno nosso Deus é uno":

A verdadeira religião é de tôdas a mais simples e a mais sublime nos seus conceitos. Começou há muitos séculos e desenvolveu-se sem se vergar ao jugo das paixões humanas, é ela a religião de Israel, a única em que ainda brilham auréolas com os caracteres da religião divina. Ela é a base de tôda a boa moral dando-lhes a esperança, que os consola em tôdas as suas aptidões, e fazendo com que êles contribuam para o mais alto progresso moral, espiritual e intelectual, pois os filhos de Israel já nos tempos obscuros da Europa, para êles existia uma biblia e uma civilização admirável.

ISAÍAS NOGUEIRA.

MEMÓRIAS

da Literatura Sagrada dos judeus portugueses desde os primeiros tempos da Monarquia até fins do Século XV

MEMÓRIA I

POR ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS

(CONTINUAÇÃO DO N.º 127)

CAPÍTULO V

Dos Estudos da Língua Santa

Cultura da Língua Santa — Pelo que toca em particular à Língua Santa, costumavam os nossos fazer dela um grande estudo, havendo-o por mui necessário para a inteligência dos Livros Sagrados.

Parece, que herdaram isto dos Rabbans seus Mestres, que se haviam dado muito a esta casta de estudos, e os haviam propagado com grande ardor nas Sinagogas de Espanha. (Disto fala Ricardo Simão na *História Crítica do Testamento Velho* no cap. XXI, pág. 120).

Por certo, que muito os havia fomentado Davide Kimchi, filho de José Kimchi, um dos maiores Gramáticos dos Judeus, a quem depois seguiram muitos dos Cristãos; o qual aproveitando-se das Reflexões Gramaticais dum Arabe chamado *Abud Valid Abarum*, compusera uma grande obra da *Gramática da Língua Santa*, com o nome de *Sepher Michlol*, e um *Dicionário* intitulado *Sepher Sçorascim*. (Faz menção destas obras Basnage na *Hist. dos Judeus*: Wolfio na *Bibliot. Hebr.* e outros muitos).

Este estudo havido por necessário e útil — Tão alta opinião se tinha feito em nossa Espanha da necessidade e utilidade destes estados, que se haviam por primeiros fundamentos de tôda a Literatura Sagrada. Assim que R. Aben Ezra no *Perusc*,

ou *Comentário ao C. V. do Eccles.* dizia, como falando duma regra geralmente estabelecida: *Nós os Judeus devemos saber perfeitamente a Arte Gramatical da Língua Santa, para não errarmos.* O mesmo inculcava Kimchi, o qual no fim do *Michlol* põe uns versos, que dizem assim em Linguagem: *O que aprende, e trabalha por possuir a Lei, e não aprende o fundamento da Gramática é como o lavrador, que vai com os seus bois: mas não leva nas mãos vara ou agulhão, que os nique.*

Uso que os nossos faziam de Hebreu — Com efeito os nossos Judeus não cederam aos espanhóis seus Mestres; cultivaram cuidadosamente a Língua Santa e tanto se costumaram ao Hebreu Rabbínico, que até nêle usavam de fazer Cartas, Escrituras e Instrumentos pelos Tabeliães de suas *Comunas*. (Não só faziam isto os Judeus, que eram das *Comunas* mas ainda os que não eram delas; e a respeito destes últimos, o proibiu o Senhor Rei D. João I, pelo dano, que disto se seguia ao povo, mandando, *que o Judeu, que não fôsse das Comunas dos Judeus não fizesse Carta ou instrumento senão por Linguagem Ladinha Portuguesa*: vem a Lei no *Código Afonsino* Liv. III, Título 93. *De como os Tabeliães dos Judeus hão-de fazer as Escrituras*).

(Continua).

Visado pela Comissão de Censura